



# miguilim

revista eletrônica do netlli  
volume 1, número 1, dez. 2012

## A DESCONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE EM A NOVA CALIFÓRNIA



Tiago Nascimento SILVA (Netlli/URCA)  
Maria Lúcia de Souza AGRA (URCA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [OS AUTORES](#)  
RECEBIDO EM 08/10/2012 • APROVADO EM 08/10/2012 (AUTORES CONVIDADOS)

---

### Resumo

---

Este trabalho apresenta uma análise atenta, porém não limitadora, do conto “A nova Califórnia”, de Lima Barreto. A seleção desse texto em especial dá-se devido a particularidades observadas tanto na questão da verossimilhança como também no plano estético. O texto explicita, numa certa leitura, a forma como a sociedade é desconstruída através da revelação das mais diversas decrepitudes morais. Traremos à tona muitas das ideias suscitadas no enredo dessa narrativa, o intuito é corroborar, como possibilidade interpretativa, uma espécie de desmascaramento da coletividade e de humanização a partir da crítica. O conto “A nova Califórnia” perpassa tanto o âmbito dos explícitos comportamentos desaprovados pelos humanos, e feitos por estes mesmos, como o da comicidade advinda das exagerações e situações inusitadas criadas justamente para trazer inicialmente o riso, mas, em seguida, a reflexão. É como se para poder “montar” o ser humano houvesse a necessidade de desconstruir o que nele há e só depois organizá-lo, agora sem mais os excessos dispensáveis à vida.

---

### Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Lima Barreto. Conto Brasileiro. A nova Califórnia.

---

## Texto integral

---

Muitos são os textos barretianos de indiscutível relevância em se tratando de uma perspectiva ímpar na análise crítica da sociedade. O caráter deliberadamente militante do autor não se concentra em uma única obra. Muito pelo contrário, o itinerário de eu líricos marginalizados, descontentes, desesperançosos e decepcionados com a coletividade é disseminado nos romances, crônicas e, principalmente, contos do escritor, reluzindo, portanto, personagens cujos predicados e atitudes vão de encontro aos do senso comum.

O material literário do autor possui, dentre inúmeras características, um princípio humanizador a partir do qual uma situação em particular descrita em um conto, por exemplo, é subsídio suficiente para serem questionados determinados valores de sentido geral. Consoante essa linha de raciocínio, os acontecimentos mais triviais ou insólitos servem como ponto de partida para um embate de opiniões a respeito do homem enquanto ser social e suas contradições discursivas e atitudinais.

A fim de corroborar esse ponto de vista, restringiremos nosso ângulo de visão a um texto em especial, cuja intensidade da crítica e a importância literária, se não se sobrepõe a de outras obras do mesmo autor, de maneira inegável configura uma ficcionalização para a qual o tom verossímilante fornece um material de análise social que entrelaça a impossibilidade fantasiada à descrição em muitos pontos fidedigna com referência à feição mental dos seres humanos.

A tessitura narrativa de “A nova Califórnia”, conto datado de 1910, traz em si não apenas um enredo insólito que chama a atenção pela aparente proximidade com histórias de terror. Em uma leitura minuciosa, percebe-se o fato de que esse conto é um material ficcional que subsidia muito além de uma identificação de mazelas nacionais, sendo, portanto, uma rica fonte de reconhecimento dos vários traços de (des) humanização que se entrevê na sociedade.

Figurativamente falando, “A nova Califórnia” é uma metáfora em tom satírico da desmedida que assoma os seres humanos e uma denúncia hiperbólica,

porém verossímil da hipocrisia dos indivíduos quanto aos fatores que aproximam o espírito do acúmulo ao sonho de abundância.

As palavras de Prado (1989, p. 27) são profícuas a esse respeito, assim, visualizamos a repercussão dessa analogia materialista que transcende até mesmo o *status* linguístico contemplado na narrativa:

A luz cobiçosa que afinal rebrilha na barra de ouro que Bastos [o farmacêutico] mostra à multidão indignada e faminta é certamente mais relevante em suas consequências do que a atitude policialesca do capitão. Esta a razão pela qual, no estopim do alvoroço, a desintegração de Pelino acaba como o efeito mais expressivo da corrosão não só do atraso mental, mas também de suas formas de expressão e hegemonia.

Até agora tivemos uma visão panorâmica do conto, visão esta que, embora nos permita um apanhado geral dos elementos ideológicos sujeitos à análise, não é o suficiente para constatar-mos aprofundadamente cada uma dessas críticas. É partindo desse princípio que doravante o texto em questão será submetido a uma análise cautelosa com o propósito de explicitar consideravelmente a desconstrução estabelecida no texto de Lima Barreto no que tange à sociedade em sentido lato.

Logo nas primeiras linhas da narrativa de “A nova Califórnia” há a possibilidade de salientarmos sutil criticidade mesmo em se tratando de comportamentos encontrados em pequenas cidades. A pacata Tubiacanga espanta-se com o relato feito por Fabrício, o pedreiro, a respeito da casa do químico Flamel. O atordoamento chega a tal ponto que os moradores se “alarmam” e conjecturam imprecisamente opiniões de caráter depreciador sobre o estrangeiro. Esse hábito de inferências não fundamentadas, quando muito, sustentadas apenas no ideário distorcido do senso comum revela-se como uma espécie de fraqueza humana por disseminar um tipo de prática moralmente desviada.

Os balões de vidros, as facas sem cortes, os copos como os da farmácia, todos os utensílios cuja finalidade era apenas auxiliar nos experimentos científicos tiveram as mais diversificadas conotações por parte do povo local, tudo era “um rol de coisas esquisitas de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.”

A contrapartida irônica dá-se por parte da maneira como o narrador apresenta as opiniões divididas. Os “mais adiantados” viam em Flamel um fabricante de moeda falsa. Sem dúvidas tal pensamento está geralmente atrelado aos indivíduos de tendências materialistas. Já os “crentes e simples” julgavam ter o cientista parte com o demônio, reprimenda ingênua sustentada de forma debilitada nos dogmas da igreja. A prova disso está no fato de Chico da Tirana persignar-se sempre ao passar na frente da casa do enigmático estudioso.

Máxima das mais arraigadas na memória coletiva concerne à relação existente entre um indivíduo e a visão respeitosa ou não que terá diante da massa. Esse aspecto não passou despercebido no desenvolvimento do conto. Jerônimo era doutor da cidade, no entanto, por não gostar de receitar dera certo crédito ao farmacêutico Bastos. Tal atitude não significa uma espécie de espírito solidário cujo fim é a soma de forças para formar um batalhão de saúde. Quanto mais trabalho o responsável pela farmácia tivesse, menos esforço faria o ícone maior da saúde. É a paga que o doutor oferece aos seus concidadãos, a indiferença que é eufemizada com o nome de “paz”.

Dentre os demais casos de prestígio social advindo da grandiosidade da profissão, o caso do gramático Pelino não deve ser desconsiderado, sob pena de evidenciar profunda lacuna na análise. O sábio da língua portuguesa era mestre-escola e redator do jornal da cidade. Junto a seu nome pronunciavam o respeitoso termo “Capitão”. O reconhecimento de Pelino era tão grande que nenhum pronunciamento público lhe escapava aos comentários talhadores de incorreções.

Sobre a figura do gramático é indispensável afirmar a repercussão deste personagem no contexto crítico da narrativa em estudo e da analogia feita à sociedade. Ao longo deste trabalho, explicitamos insistentemente o fato de ser a aversão à intelectualidade superficial e à *performance* estruturalmente gramaticóide um dos pontos para os quais Lima Barreto se debruça com acentuada constância, isto é, por acreditar ser desprezível a eloquência pomposa e prolixa, o autor carioca combate os excessos linguísticos.

O gramático de Tubiacanga não era senão um representante ortodoxo do purismo linguístico. Prova-se isso com o próprio texto, tendo em vista que o homem das letras corrigia a todos em sua cidade e os desajustes relacionados à

língua padrão se manifestavam no mais alto grau de repulsa: “E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma coisa amarga.”



Não fosse apenas o extremismo comportamental conservador, o trono erigido ao “guardião” da língua não era fruto de uma postura ética ponderada e embasada em qualquer princípio. O receio de perder o posto de autoridade, receio este que só veio a aumentar com a chegada de Raimundo Flamel, era o componente motriz da monolítica forma de agir do Capitão: “A sua opinião em nada se baseava, ou antes, baseava-se no seu oculto despeito vendo na terra um rival para a fama de sábio de que gozava.”

Para melhor esclarecer a constituição superficial caricaturada no personagem Pelino, faz-se mister retomarmos uma outra obra do escritor pré-modernista. Isso porque em “A nova Califórnia” é dito que o gramático é sectário do partido situacionista. A organização política mencionada está contida nas notas explicativas acerca da República dos Estados Unidos da Bruzundanga. Temos a convicção de que um comentário sobre *Os bruzundangas* é profícuo no entendimento do significado deste partido, da conclusão a que podemos chegar sobre o gramático de Tubiacanga e, em sentido geral, da crítica aos indivíduos cuja personalidade se assimila a criada nessas obras.

No capítulo voltado para a Constituição da Bruzundanga, esclarece-se o fato de ser o partido da “situação” uma estratégia oligárquica governamental para manterem-se no controle, *status quo*, e “decapitar” todo e qualquer tipo de ideia que possa ameaçar os representantes do poder: “Toda vez que um artigo desta Constituição ferir os interesses dos parentes das pessoas da ‘situação’ ou de membros dela, fica subentendido que ele não tem aplicação no caso.”

Dessa forma, a “situação” era composta por uma minoria detentora de poder, em todos os sentidos e principalmente o judicial, para a qual a lei estava subordinada e os princípios de igualdade invalidados.

Estabelecendo o paralelo desta ideia com a caracterização do Capitão Pelino, conclui-se que a salvaguarda na qual está envolvido o seu prestígio social é provocada devido a ele ser um eloquente cidadão que tem o pensamento em consonância com o da minoria controladora. Assim, a suposta liberdade advinda dos livros se converte em irrisória atitude resignada e confirmadora por isso traz relativa estabilidade da imagem social.

Sucedendo a intercalação acerca do desencontro no *status* profissional e dando continuidade aos detalhes da narrativa, nota-se a transformadora aceitação tida por Flamel após a propagação do discurso de Bastos, que via nele não um lunático, e sim um dedicado estudioso que só buscava tranquilidade nos seus empreendimentos:

Na verdade, era de ver-se, sob a doçura suave da tarde, a bondade de Messias com que ele [Flamel] afagava aquelas crianças pretas, tão lisas de pele e tão tristes de modos, mergulhadas no seu cativeiro moral, e também as brancas, de pele baça, gretada e áspera, vivendo amparados na necessária caquexia dos trópicos. (BARRETO, 2002, p.70)

O “cativeiro moral” pode ser entendido no sentido determinista schopenhauriano, pois trata da concepção de permanência da posição inferiorizada, isto é, as crianças das quais se fala estariam submetidas à irreversibilidade e irremediabilidade da tristeza e do sofrimento. Raimundo Flamel é descrito, logo, com uma aura até certo ponto solidária, visto que seu olhar diáfano para com os excluídos não faz distinções preconceituosas, trazendo até um sentimento de conforto.

O ar de homem bondoso e reflexivo fez do químico um ícone respeitado na pequena cidade, embora o Capitão Pelino tenha buscado denegrir a imagem do intruso a qualquer custo.

O próprio discurso interior de Raimundo Flamel distingue-se do seu opositor. Para o cientista, mais preocupado com a prática efetiva em vez da teoria pavonácea das palavras, era inadmissível qualquer procedimento que conotasse despreocupação para com o próximo. Tanto é verdade que nas reflexões absortas, o homem das fórmulas químicas questiona Bernardin de Saint-Pierre por se preocupar em demasia com os problemas relacionados a Paulo e Virgínia e esquecer-se dos escravos a seu redor. É uma crítica declarada à subjetividade ineficaz do Romantismo. Ilustremos de forma básica como se Flamel acreditasse ser essa estética literária uma espécie de nefelibatismo artificial despreocupado com a realidade.

No primeiro momento do conto é feita, portanto, uma disposição de informações essenciais a respeito de determinadas personagens relevantes e do impacto inicial proveniente do aparecimento do estranho alquimista moderno.

O conflito da tessitura narrativa começa a se delinear quando, na sequência textual, Raimundo Flamel faz inusitada visita ao boticário, isto é, farmacêutico Bastos. Tanto por ser fora do comum o já residente Flamel visitar alguém como pelo desconcerto que fica o admirado Bastos com tamanha presença em seu estabelecimento.

O hábito de conjecturar hipóteses esclarecedoras sem um fundamento consistente volta a ser percebido na narrativa. Ao enunciar ao boticário o desejo de uma conversa em particular, o proprietário da botica traz à tona, mesmo ainda estando, de certa forma, emocionado, pensamentos para tentar sanar o porquê daquela conversa.

Em local reservado, Flamel diz que vai revelar a Bastos uma descoberta extraordinária, mas, para isso acontecer, faz-se necessário ainda a presença de duas testemunhas.

Quando, no decorrer do diálogo, Flamel adiantou que o segredo tratava-se ainda de “fazer ouro”, o farmacêutico não omite a sensação de surpresa que, se explicada por dentro, seria a antevisão do dinheiro.

Os dois outros participantes são selecionados. Um, o rico e quase ateu Coronel Bentes. O outro, o maçom Tenente Carvalhais. E no domingo as inusitidades voltam a acontecer, pois o segredo é revelado e Raimundo Flamel some dias depois sem marcas de qual tenha sido o seu destino.

O encaminhamento para o clímax norteia-se a partir do momento em que é revelada a perturbação maior da cidade de Tubiacanga. Nem mesmo os crimes políticos, que eram raros, ousavam interromper a pacatez da pequena localidade. Entretanto, o apavoramento impactante é inevitável ao serem percebidas violações nos túmulos da cidade.

A constância dos ataques fez o coveiro passar da suspeita à certeza de que algo ilícito, ou quiçá demoníaco, estava havendo no cemitério. Por conta do misterioso caso, convocou as autoridades para especializar as investigações.

A reação das pessoas sobre o acontecido acionou as mais diversas concepções que, embora se particularizassem por certos dogmas, gozavam todas



de uma mesma preocupação: a morte. E é interessante perceber como essa fatalidade é trabalhada no conto.

A aura schopenhauriana pode ser novamente suscitada a fim de se associar à noção de morte demonstrada no texto. O cessar da existência é tido como “a religião da morte” que permanece na consciência humana até o último instante. É justamente esse caráter inevitável e presente no ideário humano que Schopenhauer (2007, p. 23) enfoca em seus estudos:

O animal vive sem ter conhecimento da morte: por isso o indivíduo do gênero animal desfruta imediatamente de toda a imutabilidade da espécie, visto que só tem consciência de si como infinito. Entre os homens surgiu, com a razão, por uma conexão necessária, a certeza terrível da morte.

Ora, citemos quão forte a notícia da invasão do cemitério, por exemplo, para Cora, a filha do engenheiro residente da estrada de ferro. Para ela, de início, o traslado do material humano putrefato em nada lhe importava. Todavia, ao tomar consciência de que futuramente a sua própria ossatura que um dia foi revestida por uma tez macia e encantadora poderia estar em risco de não mais descansar eternamente, de forma irônica, a indignação, ainda que proveniente do pavor da consciência, também assomou a jovem.

Foi nesse instante que a paz de Tubiacanga estava em xeque. O próprio Pelino foi um dos mais revoltados com a questão, aproveitando o seu mérito nas letras para divulgar sua afronta aos desumanos criminosos.

“Parecia que os mortos pediam vingança”, porque a cidade havia sido paralisada em seus acontecimentos mais triviais. A alternativa encontrada, após algumas cujo êxito não foi alcançado, foi efetivar um grupo para guardar a mansão dos mortos. Com muita insistência, os “vampiros” foram capturados e não escaparam às bordoadas da revolta local.

Ao despontar do sol, a população foi notificada e puderam reconhecer os demoníacos larápios, eram eles Carvalhais e Bentes. Conforme o discurso de um dos malfeitores, os ossos estavam sendo subtraídos com o propósito de serem transformados em ouro.



A esse pronunciamento, a resposta escancara um argumento por demais sutil não só no entendimento do ideário local, mas também reflete metaforicamente a corruptibilidade, tendência à focalização de bens materiais, que assoma boa parte dos seres humanos: “Houve espanto e houve esperança”.

Abstraiamos o semblante das pessoas. O impacto ocasionado pela inimaginável prática de perturbar o sono dos mortos é neutralizado e suplantado pela inferência coletiva das vantagens que tal assertiva traria para esse povo, que passa de boquiaberto a sorridente.

O espírito de solidariedade quanto à conservação respeitosa pelas moradas eternas deu lugar às idealizações particulares de cada um:

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que no ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, pensou logo no prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças... (BARRETO, 2002, p.76)

A desesperação de todos os fez terem a intenção de ir de imediato à casa de Bastos. Contidos pelo subdelegado, é trazido o farmacêutico para explicar os detalhes dessa operação de outro mundo. O homem da farmácia diz, sob seus clamores, que precisa de um dia para registrar todo o processo.

A partir desse momento, o grau de decrepitude da índole humana vai endossando de maneira a evidenciar as mais ignóbeis posturas. Os instintos que movem a sociedade não são mais naturais, em oposição a isso, uma espécie de instinto ambicioso, sequioso pela gradativa e constante aquisição de bens materiais, parece ser o farol que ilumina a “visão” dos moradores de Tubiacanga: “Docilmente, com aquela doçura particular às multidões furiosas, cada qual se encaminhou para casa, tendo na cabeça um único pensamento: arranjar imediatamente a maior porção de ossos de defunto que pudesse.”

A repercussão da notícia não tardou a atingir todas as casas e, a pouco e pouco, todos ficaram tendo conhecimento da “boa nova”. Especulou-se muito sobre

a consistência dessa ideia fora do comum. Na casa de Cora, a moça gargalhava a mais não poder pilheriando tal absurdo comentário de ossos virarem ouro.



Como forma de consolidar a contrariedade das almas ávidas pelo futuro dinheiro, aos que antes não viam nexos na ideia de remexer destroços dos caixões, agora, sorratamente, infere-se que todos os habitantes iam, sob a luz da lua, em direção ao cemitério. A ânsia pecuniária não poupa desde o mais infeliz dos pobres ou mesmo os mais abastados empresários. Interpreta-se cabal ruptura de estabilidade moral no momento em que Cora, tão refinada donzela teoricamente incapaz de atitude tão baixa, de pés descalços desce até o mais profundo grau de descontrole e interesse: “Cora, com os seus lindos dedos de alabastro, revolve as sânie das sepulturas, arrancava as carnes, ainda podres agarradas tenazmente aos ossos e deles enchia o regaço até ali inútil.”

A inversão de valores apenas faz uma demonstração de uma sociedade totalmente desconstruída. Era a antropofagia dos vivos em relação aos mortos. A vertente irônica de Lima Barreto conota-se através do paradoxo, “os mortos eram poucos e não bastavam para fazer a vontade dos vivos”. Em outros termos, é como se os de coração pulsante oferecessem riscos aos destituídos de funções vitais, todos motivados pelo desejo esbanjador trazido pela fulgura do ouro.

A decadência das personalidades não cessa de ser identificada. Pelino, a personificação do “bem falar”, ferrenho opositor da figura de Raimundo Flamel, desce do trono e esfaqueia o turco (personagem no geral visto como avaro) a fim de arrancar o fêmur que este tinha em mãos.

Não bastassem os atrozes exemplos mencionados, a corrompida sociedade figurativamente criada e criticada em “A nova Califórnia” faz cair por terra o ideal de transmissão de valores morais por parte da família. O filho do carteiro sugere ao pai para que eles fossem até o túmulo da falecida mãe do menino, isso porque “ela era tão gorda...”. Leitura possível desse enunciado mostra que nem o jovem está liberto do encanto às avessas que a vontade de obtenção de dinheiro traz. O embevecimento por parte do menino era tão grande que ele chegou a pensar que quanto mais robusta fosse a mãe, mais ossos teria e assim a metamorfose do ouro aconteceria em quantidades exorbitantes.

Como o humor sarcástico é uma característica marcante nos textos de Lima Barreto, não é de se objetar a faceta irônica e corrosiva no desfecho desse conto. A

inversão de valores é posta em xeque de novo. Sendo que, desta vez, a relação paradoxal estabelecida inverte o ápice da pirâmide social. Em meio a toda aquela azáfama irracional e até mesmo primitiva, se possível dizer, que trazia os mais diferentes nobres a um e só um objetivo, o único a não ser movido por esse espírito humanoide e acumulativo é um bêbado, Belmiro, figura que constantemente é vista pela sociedade com os olhos mais abjetos possíveis. A indiferença do marginalizado quebra todo e qualquer paradigma estigmatizador erigido pelo senso comum e a imagem das pessoas “normais” é, pois, trazida à tona como uma espécie de estereótipo.



## Considerações finais

O trabalho aqui realizado objetivou demonstrar, de forma considerável, porém, não encerrando as possibilidades de observação, a relevância de uma (re) leitura do conto de Lima Barreto intitulado *A nova Califórnia* no que compete à notoriedade do aspecto da crítica social. Isso porque a construção literária do autor, embora goze da característica de ser ficção, não prescinde da possibilidade de contribuir com subsídio em uma observação crítico-analítica em relação à sociedade. A contribuição maior do presente estudo reside não apenas nas assertivas que ele encerra. Ao contrário disso, diz respeito mais a um ponto de partida que pode ser significativo quanto à associação de perspectivas distintas de estudo literário a partir de elementos observados na obra, por exemplo, e as possíveis repercussões sociológicas do material ficcional para a reflexão das condições de ser humano como um todo.

---

## Referências

---

BARRETO, Lima. *Os bruzundangas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os melhores contos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte, da metafísica do amor, do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.



---

### Para citar este artigo

---

SILVA, Tiago Nascimento, AGRA, Maria Lúcia de Souza. A desconstrução da sociedade em *A nova Califórnia*. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 44-55.

---

### Os autores

---

**Tiago Nascimento Silva** é graduado em Letras, pela Universidade Regional do Cariri e pesquisador-voluntário do Netlli-DGP/CNPq.

**Maria Lúcia de Souza Agra** é professora da Universidade Regional do Cariri. Possui Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Regional do Nordeste (1985) e mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1992). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Atua principalmente nos seguintes temas: Arquivo, Crítica genética, Memória, Protonarrador, Protonarratório e Prototexto.